

Drag Queens: dos Palcos aos Realities¹

Dhiego ALVES de Souza²
Sarah Alves RODRIGUES³
Prof. Orientador: Lucas Lima JANSEN⁴
Centro Universitário Estácio de Brasília, DF

RESUMO

Este estudo analisa o papel da arte *drag* como uma forma de resistência e expressão política, especialmente destacando o impacto dos *reality shows RuPaul's Drag Race* e Caravana das Drags na promoção da visibilidade e aceitação da comunidade LGBTI+⁵. Através de uma análise da linguagem, performances e narrativas apresentadas nestes programas, explora-se como as *drag queens* desafiam normas de gênero e sexualidade, abrindo espaço para discussões sobre identidade e diversidade. Além disso, o trabalho discute como o Caravana das Drags, em particular, os episódios 1-3, 6 e 9, em que mescla a *arte drag* com a cultura brasileira, ampliando o diálogo sobre inclusão e representatividade. Percebe-se que a arte *drag* não apenas entretém, mas também educa e transforma, contribuindo para a construção de uma sociedade mais inclusiva e tolerante. Considerando que este estudo é um resumo expandido e ainda está em desenvolvimento, a metodologia a ser empregada consiste na análise de representação de Stuart Hall (2016). Destaca-se a relevância desta análise para compreender como o programa retrata a arte *drag* na cultura brasileira.

PALAVRAS-CHAVE: *Drag queen; Reality show; Caravana das Drags; Entretenimiento; LGBTI+*

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho “Identidade de Gênero, Sexualidade e Raças”, evento integrante da programação do 24º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 5 a 7 de junho de 2024.

² Estudante do 5º semestre do curso de Jornalismo no Centro Universitário Estácio de Brasília. E-mail: dhiego.asouza@gmail.com.

³ Estudante do 4º semestre do curso de Jornalismo no Centro Universitário Estácio de Brasília. E-mail: rodriguessarah060@gmail.com.

⁴ Prof. Me. Lucas Lima Jansen, vinculado à Estácio de Brasília. Doutorando em Comunicação pelo PPG/COM-UnB, membro dos Grupos de Pesquisa CNPq “Madalenas em Ação: estudos feministas e de gênero em comunicação” e “Consumo e Cultura Material”. E-mail: lucasilimajansen94@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3254160265073055>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4110-8117>.

⁵ “Pode-se afirmar que já existem mais de 50 letras para representar as múltiplas possibilidades de expressão sexogendérica. Optou-se por utilizar a sigla LGBTI+, por ser o termo de maior uso corrente nas pesquisas nacionais, na mídia, em documentos oficiais e em conformidade com o Manual de Comunicação LGBTI+ mais recente, organizado pela Rede GayLatino e da Aliança Nacional LGBTI+. Em todo caso, o emprego da sigla diz respeito a qualquer pessoa não heterossexual e/ou não cisgênera. É importante pontuar que nas citações diretas, respeitou-se o termo utilizado pelo autor. Em razão disso, há diferentes usos da sigla ao longo deste estudo” (Jansen, 2023).

INTRODUÇÃO

A arte *drag* é uma forma de expressão artística que envolve performances teatrais, música, dança e moda. Geralmente, artistas *drag* se apresentam de forma exagerada e extravagante, desafiando normas de gênero e explorando a criatividade. A arte *drag* tem raízes históricas em diferentes culturas ao redor do mundo e tem sido uma importante ferramenta de resistência e empoderamento para a comunidade LGBTI+. “A prática existe desde pelo menos o século VI a.C, quando os dramaturgos gregos escalaram homens para todos os papéis femininos. As mulheres eram vistas como inadequadas e inferiores para tais performances de alta arte” (Andrews *et al.*, 2024, p. 114). Através de suas performances, elas exploram questões sociais e políticas, além de entreter o público com sua energia contagiante e talento artístico.

E pensando nesses talentos, *realities* como *RuPaul’s Drag Race* desafiam suas habilidades enquanto colocam em evidência toda a arte *drag* para o público em geral, utilizando da competição para se tornarem a próxima *American’s Drag Superstar*, enquanto se cria uma linguagem própria que é disseminada para o público, em que gírias como “*shade*” se tornam parte do vocabulário das pessoas que assistem ao programa. Mas além da competição, a vida das *drags* também é posta para que as pessoas vejam e se identifiquem com tais personagens.

Entendendo-se que a influência dos *realities* sobre a percepção das pessoas em relação às *drags* é significativa, o *reality show* *Caravana das Drags* foi utilizado como objeto de análise para este estudo. A análise da representação das participantes *drags* no programa e seus entendimentos do que é ser *drag* utilizam a arte para quebrar os preconceitos, além de destacar os objetivos que o programa busca alcançar com as participantes.

DRAG QUEENS: UMA ARTE SOBRE RESISTÊNCIA

Drag é uma arte frequentemente confundida com temas relacionados às questões de identidades de gênero e sexualidades. Entende-se o conflito, já que rompe-se com o conceito do que é ser masculino e feminino. França (2019) observa que “na maioria das vezes, as personagens que se montam para serem reconhecidas no gênero feminino, sem estarem fixas a ele, por meio de sua performance, rompem com os padrões e a ordem normativa da performatividade feminina”.

Assim, compreende-se que a arte *drag queen* desafia as normas de gênero e sexualidade, questionando a ideia de “normalidade” e expondo as limitações e expectativas sociais em relação a esses conceitos, uma vez que tanto a binaridade de gênero quanto a heterossexualidade compulsória são consideradas estruturais. Nesse sentido,

Butler descarta a ideia de que o gênero ou o sexo seja uma “substância permanente”, argumentando que uma cultura heterossexual e heterossexista estabelece a coerência dessas categorias para perpetuar e manter o que a poeta e crítica feminista Adrienne Rich chamou de “heterossexualidade compulsória” – a ordem dominante pela qual os homens e as mulheres se veem solicitados ou forçados a ser heterossexuais. Butler declara que as identidades de gênero que não se conformam ao sistema da “heterossexualidade compulsória e naturalizada” mostram como as normas de gênero são socialmente instituídas e mantidas (Salih, 2016, p. 65).

Assim, entende-se que toda a expressão de gênero demonstra ser performativa, como Butler (1990, p. 25, *apud* Salih, 2016, p. 84) afirma: “o gênero demonstra ser performativo - ou seja, constitui a identidade que pretende ser, ou que simula ser. Nesse sentido, o gênero é sempre uma ação, embora não seja uma ação por um sujeito que possa ser dito que preexista à ação”.

Através da performance, moda, maquiagem e expressão artística, as *drag queens* desafiam as noções pré-estabelecidas de identidade, gênero e beleza, promovendo a aceitação. A *drag queen* e *youtuber* Lorelay Fox explica as variedades de estilos de *drags* e mostra o que é ser uma *drag*:

A gente pode fazer tudo, não existe limite para arte e hoje em dia quando as *drags* romperam essa bolha, graças as *drags* cantoras do Brasil, todo mundo entendeu que a *drag* é uma maneira de se vestir de se expressar e que ela pode estar dentro dos mais diversos meios, pode ser falando de maquiagem, falando sobre política na *internet*, jogando jogos *online*, cantando no Domingão do Faustão, apresentado programas de TV, enfim *drag* pode ser tudo porque todo mundo pode, só basta acessar o poder que a arte *drag* traz. (Fox, 2020)

Pelo fato de as *drag queens* quebrarem a normativa estabelecida da binaridade de gênero e da heterossexualidade, compreende-se um movimento de ato político em prol da resistência e do reconhecimento de direitos para a comunidade LGBTI+.

Enquanto movimento artístico, a performance *drag* traz um discurso de retomada de direitos para a comunidade LGBTI+ de um modo geral, que, não simplesmente serve para entreter, para trazer acalento, para discutir ou para dar risada, ela também se faz uma arte provocativa e chamativa, dado que

mexe com tabus e questões que o grande público não está acostumado, não quer ver, não quer discutir e que muitas das vezes prefere ignorar (França, 2022, p. 110).

A arte *drag* se torna um ato político de resistência e ativismo, desafiando o *status quo* e promovendo a inclusão e a diversidade. É uma forma poderosa de expressão que vai além do entretenimento, abrindo espaço para discussões importantes sobre questões sociais e culturais. Além disso, a visibilidade das *drag queens* contribui para a representatividade de comunidades marginalizadas, ampliando as narrativas sobre identidade de gênero, sexualidade e expressão individual.

A professora e *drag queen*, Rita Von Hunty (2019) afirma:

Ser drag é um movimento artístico em primeiro lugar, a drag queen é uma forma de expressão artística, ou talvez uma linguagem artística. É um ato político, porque drag é sempre um reflexo da nossa vida, da nossa crença, dos nossos valores, e drag encena, ou traz à cena conceitos sobre performance de gênero.

RUPAUL'S DRAG RACE: UMA EVOLUÇÃO NO ENTRETENIMENTO LGBTI+

Originalmente um *reality show* norte-americano idealizado pela apresentadora do programa e *drag* RuPaul Charles, o *reality* é focado na competição de *drag queens* para descobrir a nova *American's Drag Superstar*. No programa, as competidoras passam por diversos desafios que têm como objetivo mostrar seus talentos em áreas variadas, como maquiagem, moda, performance, *lip sync*⁶, entre outras habilidades.

Darcie, Sousa e Nascimento (2020) refletem sobre como o programa não apenas glamouriza, mas também humaniza os personagens, ao mostrar os conflitos de gênero e profissionais, assim como suas vidas pessoais e como estas afetam seu trabalho como *drag queens*.

O *reality* molda a percepção do público sobre a arte *drag*, influenciando as normas estéticas e estilísticas dentro da comunidade, bem como o impacto da auto expressão de identidade das *drag queens* participantes. Além disso, o programa aborda questões de diversidade, inclusão e representação, contribuindo para discussões mais amplas sobre identidade de gênero, sexualidade e empoderamento.

⁶ *Lip sync* é uma abreviação de “lip synchronization” (sincronização labial), uma técnica em que os participantes de um show ou performance imitam a movimentação dos lábios e a expressão facial de uma gravação de áudio, geralmente uma música, para criar a ilusão de que estão cantando ao vivo. Esta técnica é comumente utilizada em competições de drag queens, onde os competidores realizam performances musicais sincronizando seus movimentos labiais com a música reproduzida.

A linguagem utilizada em programas como *RuPaul's Drag Race* desempenha um papel importante na representação e empoderamento da comunidade LGBTI+. Através de expressões e termos únicos do programa, essa linguagem específica ajuda a promover a compreensão e aceitação da diversidade de gênero e sexualidade.

Drag queens são conhecidas por realizar shows e performances espetaculares, em sua maioria em bares e boates gays e nunca ganharam tanto destaque como na última década. Seus shows vêm conquistando espaço e a atenção não só da comunidade LGBTI+, mas também de heterossexuais e simpatizantes. Danças, músicas ao vivo, *lip syncs*, figurinos extravagantes, tudo aliado a uma comunicação voltada a comédia que tem entretido o auditório, com grande contribuição oriunda de *RuPaul's* (Scalabrin; Medronha, 2019, p. 9).

A linguagem de *RuPaul's Drag Race* também pode ser vista como uma forma de resistência e afirmação identitária, como apontam Scalabrin e Medronha (2019). Eles destacam a rica troca de cultura artística e linguística promovida pelo programa, que se torna uma referência dentro da comunidade LGBTI+. O programa contribui para a construção de uma identidade coletiva e fortalece os laços entre seus participantes e espectadores.

Lésbicas, gays, bissexuais, transexuais e os demais que compartilham deste meio, em maioria, sabem reconhecer a linguagem do programa, podendo chamar sua amiga de *gurl*, pedir para alguém *sashay away* quando não está mais confortável com sua presença e elogiar aquela maquiagem ou roupa que está *sickening* (Scalabrin, Medronha, 2019, p. 9).

“A DRAG BRASILEIRA NÃO DESISTE NUNCA!”: UMA ANÁLISE SOBRE O REALITY CARAVANA DAS DRAGS

Em um contexto nacional, o Caravana das Drags é um *reality show* brasileiro comandado pela apresentadora e cantora Xuxa Meneghel e a *drag queen* e apresentadora Ikaro Kadoshi. Este programa foi influenciado pelo sucesso de *RuPaul's Drag Race*. O Caravana das Drags reuniu dez *drags* para competir pelo título de Drag Suprema, enquanto viajam por diversas cidades espalhadas pelo Brasil, mostrando a cultura local. As competidoras enfrentam desafios que, a cada episódio, são divididos em duas etapas. A primeira, chamada de “*Close*”, envolve desafios relacionados à cultura do local, enquanto a segunda parte, chamada de “*Show Final*”, está fortemente ligada à cultura *drag queen*.

Os episódios escolhidos para este estudo foram: o T1 EP. 1 - Segurando o Carão no Rio de Janeiro, veiculado no dia 14 de abril de 2023 pela Prime Video, em que as

Drags jogam futebol no primeiro “*Close*”, o T1 EP. 2 - *Country Queens* invadem Goiânia, veiculado no dia 14 de abril de 2023 pela Prime Video, em que as drags tiveram que produzir uma música “queernejó”, o T1 EP. 3 - *Brilho Drag* em Diamantina, veiculado no dia 14 de abril de 2023 pela Prime Video, onde a competidora Gaia do Brasil faz um manifesto utilizando a arte *drag*, T1 EP. 6 - *Abalando* em Fortaleza, veiculado no dia 14 de abril de 2023 pela Prime Video, em que a participante Chandelly foi desclassificada em que levou as outras participantes a se posicionarem sobre o cuidado que a arte *drag* tem que trazer, T1 EP. 9 - *Quebrando Tudo* em Belém, veiculado no dia 14 de abril de 2023 pela Prime Video, em que a apresentadora e Drag queen Ikaro Kadoshi fala o propósito do programa.

Considerando que este trabalho é um resumo expandido e que o estudo ainda está em fase de desenvolvimento, a metodologia a ser empregada no corpus já apresentado será a análise de representação, tendo como principal expoente Stuart Hall (2016). Essa abordagem teórico metodológica se mostra importante para o estudo, considerando que dentro do programa as *drag* estão sendo representadas com perspectiva diferente diante do público, não apenas falando da arte *drag*, mas como a arte se encontra com a cultura brasileira.

Percebe-se que o programa propôs não apenas trazer à tona a cultura presente nas performances, maquiagem, moda e outras habilidades adquiridas pelos participantes ao longo de sua jornada artística, mas também mesclar toda essa expressão artística com os locais e a riqueza das culturas presentes no Brasil. Como afirmou a apresentadora Ikaro Kadoshi (2023) após a desclassificação de um dos participantes: “A Caravana das Drags é um *reality* que está aqui para exaltar a arte *drag* e a cultura brasileira, e mais do que isso, é um programa sobre acolhimento, amor, aceitação e respeito a todas as diferenças”.

Pensando na proposta do *reality* de envolver as *drags* na cultura dos locais onde estão, logo nos primeiros episódios, convidou-as a jogar futebol e a criar uma música “queernejó”, o programa sugere que as *drags* se posicionem em atividades geralmente associadas aos homens heterossexuais. Isso permite que as participantes subvertam essas normas usando a arte *drag* e demonstrem que podem representar essas culturas. Como explica Salin (2016, p. 81), “Butler insiste que a lei é geradora e plural, e que a subversão, a paródia e o drag ocorrem no interior de uma lei que proporciona

oportunidades para a ‘encenação’ das identidades subversivas que ela, ao mesmo tempo, reprime e produz”.

O programa também apresenta a história das participantes por meio dos momentos em que se reúnem para discutir o que ocorreu durante o dia. Em uma dessas reuniões, a participante Robytt Moon explica como o *reality* proporciona mudanças para ajudar outras *drags* a resistirem aos julgamentos da sociedade que enfrentam fora dos palcos. Isso demonstra como o ambiente em que estão serve de inspiração e representação para outras pessoas que desejam vivenciar a arte drag. Como afirmou Fox (2020), “Representatividade é isso, não é você querer estar em todos os lugares, mas sim você se sentir lá quando um dos seus conquistar esse espaço”.

Em uma das provas do Show Final, que solicitava que cada *drag* mostrasse um talento único, a competidora Gaia do Brasil optou por fazer um manifesto, no qual ela abordou as experiências vividas por pessoas transgênero, como ser expulso de casa. Por meio da música “Ave Maria”, da dança e da palavra “Resistir” pintada em um quadro, ela demonstrou como a *drag* pode não apenas dar voz a outras *drags*, mas também apoiar outras causas por meio de suas artes e de seu corpo. Como afirmado anteriormente por França (2022), as *drag queens* não se limitam ao entretenimento; elas criam arte provocativa que aborda questões que o grande público não está acostumado a discutir.

É importante a gente entender que mesmo que não tenha a intenção de [ferir], se atravessa diferente outras pessoas, outros corpos, a gente precisa sim repensar o que a gente está fazendo, o que a gente está falando, porque somos educadores de outras pessoas, ela tem um público, sabe? E se essas atitudes chegam de outra forma, deturpada para essas pessoas, essas pessoas vão replicar esse comportamento, por isso é tão problemático, tão perigoso (Frimes, 2023).

A fala da participante Frimes se refere à desclassificação de outra participante, que foi desqualificada por ferir a cultura de um local através de suas vestimentas. O que mais se destaca nessa fala é o fato dela considerar todos os participantes educadores, pensando que a arte drag pode educar as pessoas, utilizando de suas performances, roupas, maquiagem, entre outras habilidades.

A tendência *drag* surge como oportunidade para além da arte profissional, pois ela também pode ser investida como ação educativa contra as opressões e fobias de gêneros e sexualidades. Um bom exemplo é o vídeo do menino que faz uma apresentação de *drag queen* em sua escola, o qual foi assistido por mais de três mil pessoas, entre elas duas mil e seiscentas pessoas

aprovaram a performance infantil e quatrocentas e trinta e uma foram contra. (...) Irreverentemente, em sua festa cultural da escola, ele nos possibilita refletir como esta expressão artística pode proporcionar educacionalmente outros valores, resignificando novos instrumentos para as escolas (França, 2019, p. 55).

O *reality* mostra a transformação dessas *drags* nos nove episódios do programa. Kadoshi (2023) menciona ao final do programa outro intuito do *reality*: “e o nosso programa é exatamente sobre isso, transformar a arte, o Brasil e os preconceitos de dentro e fora da gente”. Ao acompanhar a história de cada *drag* ao longo do programa e suas transformações, também traz o público que assiste a se transformar com elas e aprender sobre a arte, o Brasil e o preconceito que têm sobre elas e que as próprias também têm, criando assim uma ligação com o público.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreendemos que a arte *drag* vai muito além da glamourização, tornando-se uma resistência, um ato político e uma forma de expressão que utiliza uma linguagem para discutir assuntos com os quais a sociedade não está acostumada. Os *reality shows* como Caravana das Drags conseguem trazer essa discussão, na qual o público geral captura a mensagem transmitida pelas artistas *drags* em suas performances, que representam toda uma comunidade, quebrando preconceitos do ciclo heteronormativo.

Além de quebrar barreiras discriminatórias, a arte *drag* enriquece a cultura com seu próprio linguajar, mostrando todas as suas diferenças e se aceitando, tornando-se uma referência e uma representação para todas as pessoas que buscam conhecer mais sobre a arte *drag*. Entendemos que o *reality show* Caravana das Drags tem como objetivo unir a arte *drag* à cultura brasileira, misturando suas diversas culturas e levando as *drags* a lugares pouco vistos.

O público mergulha na arte *drag* e se envolve cada vez mais com os participantes e suas histórias, criando uma identificação direta com os personagens e transformando pensamentos, o que os faz repensar sobre as *drag queens* enquanto corpo representativo.

REFERÊNCIAS

ANDREWS, John. *et al* **O Livro da História LGBTQIAPN+**. 1. ed. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2024.

CARAVANA das Drags. Direção: Bettina Hanna. Produção: Guto Barra, Tatiana Issa. Intérprete: Xuxa Meneghel, Ikaro Kadoshi. [S. l.]: Amazon Studios, 2023. Disponível em: https://www.primevideo.com/region/na/detail/0STTV3VPYVLU936GSI9ONKV8DH/ref=atv_d_p_share_cu_r. Acesso em: 14 abr. 2023

DARCIE, M. P.; SOUSA, J. F.; NASCIMENTO, M. dos S. **“WE ALL BORN NAKED AND THE REST IS DRAG”:** CULTURA E IDENTIDADE DA DRAG QUEEN NO AMBIENTE MIDIÁTICO DO REALITY SHOW RUPAUL’S DRAG RACE. *Comunicologia - Revista De Comunicação Da Universidade Católica De Brasília*, [S. l.], v. 13, n. 1, p. 69-84, 4 jun. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.31501/comunicologia.v13i1.10457>. Acesso em: 4 jun. 2020.

FOX, Lorelay **PABLO E GLORIA GROOVE NA CAPA DA VOGUE - Lorelay Fox.**, 2020. Disponível em: <https://youtu.be/NbDaXu1qsmM?si=pvRMO4aFGE5ctmUO>. Acesso em: 13 out. 2020.

FOX, Lorelay **O MUNDO DAS DRAGQUEENS: TIPOS E ESTILOS! - Lorelay Fox.**, 2020. Disponível em: https://youtu.be/rKfyUkTZPmM?si=M_NmndMR5NMO7x5B. Acesso em: 8 set. 2020.

FRANÇA, Alexandre Nabor M. **SOCIEDADE, SORRY QUALQUER COISA: TOMBANDO A NORMATIVIDADE COM A ARTE DRAG QUEEN.** *In: SILVA, Sergio Luiz Baptista et al.* Nos babados da Academia: reflexões sobre pautas emancipatórias. 1. ed. [S. l.]: Devires, 2019. p. 40-63.

FRANÇA, Wezelly Campos. **QUEM VÊ CLOSE NÃO VÊ CORRE: UM ESTUDO ACERCA DA VISIBILIDADE, REPRESENTATIVIDADE E ATO POLÍTICO DA ARTE DRAG.** *REVISTA COR LGBTQIA+| CONSERVADORISMOS E RETROCESSOS SOCIAIS*, [S. l.], v. 1, n. 2, p. 100-124, 27 jan. 2022. Disponível em: <https://revistas.cceinter.com.br/CORLGBTI/article/view/522>. Acesso em: 27 jan. 2022.

HALL, Stuart. **Cultura e representação.** Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2016. 260 p.

HUNTY, Rita Von **PODE um professor ser drag queen? Conheça Rita Von Hunty.**, 2019. Disponível em: <https://youtu.be/4x44M45hDyU?si=8ID2kIVbTrNi9J6L>. Acesso em: 22 jul. 2019.

JANSEN, Lucas. **COMO VOU EXPLICAR ISSO A UMA CRIANÇA?:** análise das repercussões da publicidade fora do armário (*outvertising*). Orientadora: Profa. Dra. Liliane Maria Macedo Machado. 2023. 156 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de Brasília, Brasília, 2023.

SALIH, Sara. **Judith Butler e a Teoria Queer.** 1. ed. [S. l.]: Autêntica, 2012. 232 p.

SCALABRIN, E. F.; MEDRONHA, J. de S.. **A Linguagem de RuPaul’s Drag Race e Sua Pertinência na Comunidade LGBT+.** *Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação*, [s. l.], 22 jun. 2019. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/sul2019/resumos/R65-1682-1.pdf>. Acesso em: 22 jun. 2019.